

DIALETOS DIALETOS DIALETOS DIALETOS DIALETOS DIALETOS DIALETOS  
DIALETOS DIALETOS DIALETOS DIALETOS DIALETOS DIALETOS DIALETOS  
DIALETOS DIALETOS DIALETOS DIALETOS DIALETOS DIALETOS DIALETOS  
DIALETOS DIALETOS DIALETOS DIALETOS DIALETOS DIALETOS DIALETOS

## DIALETOS

“nós seres humanos não somos nem deuses  
nem animais; somos animais falantes que vivem  
em cidades – para o bem e para o mal.”<sup>1</sup>

A ideia de uma linguagem que seja universal carrega consigo uma boa dose de utopia. Porém se considerarmos a arte como uma linguagem essa ideia não parece tão absurda. Um brasileiro, um alemão, um indiano podem ser mobilizados por uma pintura. Uma pessoa que não teve condições de estudar devido uma precária situação econômica, pode compreender plenamente uma obra com teor político enquanto um banqueiro colecionador pode enxergá-la apenas como uma cifra.

As especificidades de uma linguagem como a arte, e principalmente a arte contemporânea, encontram uma analogia pertinente na definição de dialeto. Derivada do grego, ela significa originalmente conversação; hoje, refere-se a uma linguagem definida, com características próprias a partir de uma raiz linguística. Suas características diferenciais são consequência do tempo e da vivência que elas proporcionam. Assim também podemos considerar as obras de cada um dos artistas que integram o grupo De Quebra e esta exposição. Como se cada um tivesse o seu dialeto, mas, mesmo dentro da heterogeneidade das obras, também há uma raiz comum que alimenta esses trabalhos. Algo que se convencionou denominar “arte conceitual”. De forma simplificada, um conceito ou ideia seriam a principal matéria do objeto de arte e sua forma ou mesmo execução estariam à reboque desse conceito. Isto acaba por aproximar a arte ainda mais da concepção de linguagem.

..

Assim, **Mirella Mostoni** e **Liliana Buzolin** apresentam os trabalhos que mais se identificam ao descrito acima. Entre as semelhanças e diferenças que eles possuem cabe destacar, no caso de Mirella, um viés mais politizado sobre o feminismo e suas relações naturalizadas com o patriarcado (série *Adúlteras*, em cerâmica) ou o desrespeito aos Direitos Humanos em regimes ditatoriais (*A escrita é um golpe que se imprime na pele*, livro de artista). Liliana usa a pintura para discutir a sintaxe pictórica através de um esvaziamento tanto do assunto da pintura como da ideia de expressão ligada à autoria de algo (um pouco como o pintor americano Jasper Johns) no políptico *Instrução Inútil*; uma dimensão lúdica também está presente, mas é um jogo que não pode se completar ou resvala para a melancolia como um céu que sabemos belo, mas está para sempre fragmentado (o trabalho com peças imantadas – *Quebra-Cabeça*). Ambas criam uma sintaxe própria em seu dialeto, dotada de uma rigidez que antes de provocar uma estagnação do trabalho acaba por expandi-lo. Liliana usa para atingir esse objetivo imagens apropriadas (um velho manual de automóveis ou fotos de céus) e sua descaracterização. Mirella usa a literatura e cria um sistema de codificação para identificar personagens e condições femininas que moldaram o imaginário de uma feminilidade, construído por autores masculinos, através de cores e, a meu ver, de forma inusitada, construídas em cerâmica.

...

Distante no tempo, as primeiras “páginas” foram tabuletas de cerâmicas com símbolos, mas também havia outras formas de linguagem arcaica. **Rosana Boniconte** se vale do registro fotográfico, executado as centenas, para construir suas “páginas” que aguardam decifração. E qual seria essa a mensagem que elas guardam? – Devemos lê-las como os antigos liam os céus à procura de orientação nas viagens ou perscrutando o futuro? Ou ainda como os adivinhos que leem fundos de xícaras, borras de café ou chá? A quantidade de imagens geradas e a evidente passagem do tempo para que fossem executadas exigem um método e uma dedicação que lastreiam o conceito. A formalização do trabalho ainda foi capaz de guardar uma relação com a beleza, penso, dos mapas astronômicos onde a materialidade que vemos nas imagens já não mais existe devido à passagem do tempo.

<sup>1</sup> Wolff, Francis – Três utopias contemporâneas, ed. UNESP.

DIALETOS DIALETOS DIALETOS DIALETOS DIALETOS DIALETOS DIALETOS  
DIALETOS DIALETOS DIALETOS DIALETOS DIALETOS DIALETOS DIALETOS  
DIALETOS DIALETOS DIALETOS DIALETOS DIALETOS DIALETOS DIALETOS  
DIALETOS DIALETOS DIALETOS DIALETOS DIALETOS DIALETOS DIALETOS

